

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO

Data de aceite: 18/11/2019

Omundsen de Melo Costa Junio

Omundsen de Melo Costa Junio é Especialista em Orientação Educacional (FERLAGOS/RJ), Coordenação Pedagógica e Projetos, Graduado em Pedagogia (FACIM/BA), História (FACIBA/BA) e Teologia (FACTEPE/BA) e (FTSA/PR), Coordenador Pedagógico (SEE/BA), omundsenmcj@hotmail.com.

RESUMO: Realizar a formação teológica do leigo para atuação pastoral missionária é uma proposta e um desafio da Igreja Católica desde o Concílio Vaticano II. O Brasil tem se esforçado para cumprir essa missão, mas nas paróquias com escassos recursos financeiros, os projetos desta natureza tem encontrado muitas dificuldades para serem implantados ou mesmo mantidos, daí o desenvolvimento de um modelo de formação pensado para esta realidade e testado com sucesso.

PALAVRAS CHAVE: Deus, Cristo, Teologia, Formação, Leigo.

THEOLOGICAL FORMATION FOR LAY

PEOPLE: STRUCTURE AND OPERATION

ABSTRACT: Performing theological formation of the laity for missionary pastoral activity has been a proposal and a challenge for the Catholic

Church since the Second Vatican Council. Brazil has been striving to fulfill this mission, but in the parishes with scarce financial resources, projects of this nature have encountered many difficulties to be implemented or even maintained, hence the development of a training model designed for this reality and successfully tested.

KEYWORDS: God, Christ, Theology, Formation, Lay.

1 | INTRODUÇÃO

Na história da Igreja Católica, desde as primeiras comunidades cristãs, a preocupação com a formação sempre ocupou lugar privilegiado. Com a modernização da sociedade, o surgimento de novas religiões e a secularização do mundo, os cristãos passaram a enfrentar grandes desafios no campo missionário, pois levar a Palavra de Deus aos grandes aglomerados humanos tornou-se desafio cada vez mais complexo.

Não há lugar mais adequado para se começar a formação teológica do que a própria Comunidade Paroquial, tanto pela viabilidade econômica como pastoral, uma vez que a maioria das comunidades dispõe de escassos recursos financeiros, não comportando projetos que envolvem grandes despesas. Daí o Curso

de Formação Teológica para Leigos, conhecido como Escola de Teologia para Leigos é proposto aqui neste trabalho, como modelo alternativo, para as comunidades, com escassos recursos financeiros, mas que desejam oferecer formação teológica para o trabalho pastoral.

2 | FUNDAMENTOS

A preocupação com a catequese é considerada pela Igreja como uma de suas tarefas primordiais, e a preparação dos leigos missionários para enfrentar os desafios do anúncio da Boa Nova hoje, exige formação teológica sólida para encarar os desafios da secularização e da modernização da sociedade, exigindo do evangelizador, conhecimento da Palavra de Deus e da Doutrina da Igreja para o diálogo. Na atitude de Cristo ressuscitado, que antes de voltar ao Pai, deu aos Apóstolos uma última ordem: *“fazer discípulos em todas as nações e ensinar-lhes a observar tudo àquilo que lhes tinha mandado”*, a Igreja, não cessou de consagrar a isso seus esforços, encontrando na catequese dos primeiros cristãos, o meio de cumprir esta sua missão, procurando sempre, proporcionar, os frutos da Bendita Redenção, sob a chefia de São Pedro Apóstolo, para que governasse e levasse a Palavra santificada, até a volta de Cristo.

Recuando temporalmente, para refletir a cerca da base de estruturação da *Formação Teológica para Leigos* deve-se partir do princípio do primeiro escrito de cunho catequético organizado, a *Didaqué* – escrito derivado da tradição viva das comunidades eclesiais bem definidas, que sem dúvida remonta ao ensinamento cristão de século I d. C – que já mostrava conteúdo organizado, certamente utilizado na instrução dos primeiros cristãos, com objetivo instruir, a partir de orientações doutrinárias em torno de um conhecimento comum. Provavelmente escrita antes da destruição do Templo de [Jerusalém](#), entre 60 e 90 d.C. Com origem na [Palestina](#) ou [Síria](#), a *Didaqué* pode ser considerada como um primeiro documento de intenção fielmente catequético, pois trata de temas como: o caminho da vida e da morte, celebração da liturgia, vida em comunidade e do fim dos tempos, confirmando assim, seu objetivo de proporcionar formação sistemática e intencional.

No decorrer da História da Igreja a preocupação com educação na fé – a catequese – foi evoluindo, desde os primeiros séculos, da seguinte forma: Do século I ao VI – a preocupação era a iniciação à fé e a vida na comunidade, dos séculos VII ao XV, estava voltada para o processo de imersão na cristandade, dos séculos XVI ao XX, o foco maior era pela instrução. Atualmente o objetivo é uma educação permanente na fé para a *comunhão e a participação*.

Depois do Concílio Vaticano II (1962/1965), principalmente no que diz respeito à

formação teológica dos leigos, novos passos foram dados na teoria, nos documentos e no discurso, mas na prática, pouco se avançou e por isso, não há dúvida que a Paróquia deve ser o lugar para o início dessa formação, pois não há campo melhor do que este para se começar a praticar a evangelização, apesar do projeto de formação objetivar a formação do leigo para atuar numa realidade mais ampla, universal, tal como a Igreja é e precisa ser.

“Os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de leigos missionários. Só através da multiplicação deles poderemos chegar a responder às exigências missionárias do momento atual”.

(CELAM, 2007: Conclusões de Aparecida, p.174).

O efeito prático da formação teológica para leigos em uma Comunidade Paroquial é poder contar com leigos bem preparados, seja para a implantação de novos projetos ou na dinamização dos já existentes, pois as pessoas mais bem preparadas atingem objetivos de evangelização com mais eficiência. O fato é que, pelo menos no campo pastoral, o binômio: formação – ação é verdadeiro, e muitos outros benefícios diretos também são alcançados com a formação teológica do leigo.

“Ressalta-se a abnegada entrega de tantos missionários e missionárias que, até o dia de hoje, têm desenvolvido valiosa obra evangelizadora e de promoção humana em todos os nossos povos, com multiplicidade de obras e serviços.”

(CELAM, 2007: Conclusões de Aparecida. nº. 99d).

3 | ESTRUTURA

Do ponto de vista estrutural, do curso propriamente dito, devem ser oferecidos no mínimo três eixos de estudo: o eixo *bíblico*, abrangendo o Primeiro e Segundo Testamento, *dogmático*, abrangendo o Catecismo da Igreja Católica e os Fundamentos da Liturgia e o *Pastoral*, tratando da Bioética, Doutrina Social da Igreja, Missiologia e alguns dos principais temas do Código de Direito Canônico, sendo que, nem todo o conteúdo dessas áreas precisam serem estudados como se faz em curso superior de Teologia, sendo suficiente para a formação dos leigos, conhecer os fundamentos de cada um desses eixos, para se ter as chaves de leituras e poder compreendê-los nos aprofundamentos pessoais e assim poder usá-los na prática pastoral, porque: *“Os leigos esclarecidos pela sabedoria cristã e prestando atenção cuidadosa à doutrina do Magistério, assumam suas responsabilidades”*. (CNBB, 1999: Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas. p. 86).

Do ponto de vista espiritual, cabe também a dedicação de uma parcela do tempo investido no estudo teológico. A sua prática pode ser através da preparação orante no início das atividades, nos intervalos e na finalização de cada encontro criando uma disciplina espiritual saudável. A discussão de temas cristológicos e

mariológicos interdisciplinado, serão fontes importantes no desenvolvimento da espiritualidade cristã e dessa forma, tanto conteúdo teológico, como a experiência de fé, caminharão juntos na formação, compondo a formação integral que se busca neste tipo de projeto de formação dos leigos.

É necessário observar também alguns princípios pedagógicos, pois independente da amplitude do projeto, requisitos básicos precisam ser cumpridos para que se tenha boa qualidade no trabalho de formação a ser desenvolvido. Princípios de gestão, currículo e metodologia, são fundamentais em qualquer processo formativo, seja secular ou não. Levar em conta algumas premissas teológicas é igualmente importante, pois não se trata de um projeto escolar de ensino fundamental, médio, técnico ou superior, mas de uma formação teológica cristã e por isso, a formação deve tratar, especificamente de capacitar leigos para o serviço da Igreja, nesse caso, o conhecimento deve seguir sempre, prestando atenção cuidadosa à Doutrina do Magistério.

A proposta de organizar a formação a partir de uma escola, seguindo linhas pedagógicas é intencional, pelo fato de se tratar de um processo de construção de conhecimento cristão para a evangelização e que para ter sucesso precisa de organização sistemática e critérios, com os objetivos bem definidos pelas diretrizes da Igreja, expresso nos seus documentos. A proposta é procurar seguir modelo já testado e aprovado – o de paróquia com poucos recursos – fruto da experiência se sucesso.

Os objetivos, também devem estar claros na construção do projeto desde o seu início, para que o trabalho seja sólido e tenha rumo definido, o que, nesse caso, é: ajudar no discernimento vocacional, através da apresentação dos diversos carismas e serviços que a Igreja possui, preparar os formandos para exercer os ministérios que podem ser confiados a eles – palavra, eucaristia, acolhida, batismo, matrimônio, etc. –, capacitá-lo para ser agente atuante nas pastorais – comunicação, juventude, família, liturgia, etc. –, dar-lhe formação para poder colaborar nos movimentos católicos – renovação carismática, encontro de casais, escalada, etc. – e instrumentalizá-lo para que possa dialogar com outras confissões e religiões, pois, *“O Concílio Vaticano II e o Papa Paulo VI já haviam insistido sobre a necessidade do diálogo com a sociedade contemporânea e com outras Igrejas Cristãs”*. (CNBB, 1999: Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas. p. 39).

4 | CURRÍCULO

Para a estruturação do currículo do curso é necessário levar em conta, além dos conteúdos sistemáticos a serem discutidos, as experiências que os irmãos trazem

na sua caminhada de fé na Igreja. A elaboração do currículo parte da estrutura já usada em outra experiência concreta, como referência, pois foi elaborada a partir da equipe que executava as ações.

Primeiro é preciso que no conjunto de aprendizagens dispostas, esteja contemplado todo conteúdo necessário a ser discutido nos encontros de formação, e que esse atenda a demanda de evangelização, ou seja, que realmente prepare o agente pastoral para enfrentar os desafios de evangelizar na sociedade contemporânea, anunciando o Evangelho de Jesus Cristo. Nesse sentido, distribuir os conhecimentos nos três eixos, como já foi referido anteriormente, é a melhor maneira encontrada para se organizar as etapas do processo.

Os eixos: *Bíblico*, *Dogmático* e *Pastoral* devem ser oferecidos porque são necessários para, se conhecer a Palavra de Deus contida na Bíblia, a Doutrina da Igreja e os demais conhecimentos necessários para se compreender a prática pastoral.

Distribuindo os três eixos e dispondo-os em forma de matriz curricular, pode-se ter a seguinte disposição:

Eixo Bíblico: Primeiro Testamento: (História e geografia de Israel, Pentateuco I – Gênesis e Êxodo, Pentateuco II – Levítico, Número e Deuteronômio, Livros Históricos, Profetismo Bíblico, Escritos Sapienciais. **Segundo Testamento:** (Atos dos Apóstolos e Evangelho de Lucas, Evangelho Mateus e Marcos, Evangelho de João, Apocalipse e Cartas Joaninas, Escritos Paulinos, Hebreus e Cartas Católicas. **Eixo Dogmático:** (Catecismo I – Profissão de fé, Catecismo II – Celebração do Mistério Cristão, Catecismo III – A Vida em Cristo, Cristologia, Ecclesologia, Mariologia, Liturgia I – Principais Fundamentos, Liturgia II – Ritos e Celebrações. **Eixo Pastoral:** (Doutrina Social da Igreja, Teologia da Missão, Temas do Código de Direito Canônico I, Bioética I, Bioética II, Temas do Código de Direito Canônico II

Em todos os eixos, da forma como foram distribuídos os conhecimentos, é necessário lembrar que cada área a ser tratada deverá se ter uma carga horária de duração mínima de 8h/a (oito horas/aula), presencial, de forma expositiva, completadas com no mínimo 4h/a (quatro horas/aula), semipresencial ou à distância através de trabalhos de campo ou outro tipo de atividade dessa mesma natureza, somando um total de no mínimo 12h/a (doze horas aula), e ao final, não menos que 300h/a (trezentas horas/aula), tempo mínimo total, para que as chaves de leitura de cada uma das disciplinas possam ser compreendidas.

“Embora se preveja para o professor o puro papel de executor do currículo, ou de mero transmissor das mensagens que contém, ou inclusive reconhecendo o valor de alguém que o desenvolva com certo grau de contribuição, pessoal, a figura do docente é básica, sendo daí que atualmente se proponha a elaboração do currículo ligada à participação dos docentes nos mesmos.”

(SACRISTÁN, 2000: O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática. p. 175).

5 | METODOLOGIA

A metodologia de ensino proposta para o Curso de Formação, nesse formato simples, que pode ser implantando nas Comunidades Paroquiais deve levar em consideração diversos fatos particulares na sua estrutura simplificada, observando os princípios fundamentais que ofereça também qualidade.

“A metodologia de ensino procura apresentar roteiros para diferentes situações didáticas, conforme a tendência da corrente pedagógica adotada pelo professor ou pela instituição, de forma que o aluno se aproprie dos conhecimentos propostos e/ou apresente suas pesquisas e demais atividades pedagógicas”.

(NÉRICI, Imídeo Giuseppe, 1981. Metodologia do Ensino: uma introdução. P.132)

Nesta estrutura de formação teológica, onde as áreas têm uma carga horária reduzida em relação à extensão dos seus conteúdos, a proposta deve primar pela metodologia escolhida pelo professor que irá atuar, pelo fato de ser ele o responsável primeiro pela aprendizagem. Dessa forma, saber escolher bons profissionais, que sejam comprometidos com a Teologia e com a Igreja, e que tenham vocação para fazer o que se propõe é passo essencial para o sucesso do curso, assim como a sua manutenção, pois a contribuição de orientar, estimular e relacionar é mais do que informar. Ainda em relação à aprendizagem, ela é, por excelência, construção, ação e tomada de consciência da coordenação das ações, por isso, ter linhas metodológicas bem definidas previamente e ao mesmo tempo flexíveis no decurso da execução trabalho, certamente será garantia de que a aprendizagem de tudo aquilo que se propôs aconteça de forma crítica e reflexiva, levando o leigo, estudante de Teologia, a tornar-se um cristão mais consciente e fortalecido na fé pelas vias do conhecimento. Como diretriz metodológica para o professor, a proposta da instituição pode seguir o modelo onde os métodos de aprendizagem apresentam, por exemplo, três modalidades básicas:

Método individualizado: A ênfase está na necessidade de se atender às diferenças individuais, como por exemplo: ritmo de trabalho, interesses, necessidades, aptidões, etc., predominando o estudo e a pesquisa individual. *Métodos socializado:* o objetivo principal é o trabalho em grupo, com vistas à interação social e mental e troca de experiências e conhecimentos. A preocupação máxima é a integração do educando ao meio social e a troca de experiências significativas em níveis cognitivos e afetivos. *Métodos sócio-individualizado:* procura equilibrar a ação grupal e o esforço individual, no sentido de “*promover a adaptação do ensino ao educando e o ajustamento ao meio social*”, modelo proposto na obra de VILARINHO (1985, p. 52).

Uma das principais características da metodologia de um Curso de Formação nesse formato é a sua flexibilidade, e para que isso seja possível, é necessário que se tenha opções metodológicas – como as propostas no quadro acima – para que o

projeto no seu todo, tenha um rumo definido, afinal não se constrói um projeto sem uma direção, um norte.

6 | AVALIAÇÃO

A avaliação é um sistema contínuo de verificação, que proporciona apoio e contribui para a obtenção de resultados, ela deve mostrar os resultados atingidos pelos alunos, dessa forma é essencial no projeto do Curso de Formação para leigos. No curso, a avaliação será o instrumento pelo qual se poderá medir o alcance dos objetivos propostos, assim como a qualidade do aprendizado.

Os alunos poderão ser avaliados através dos instrumentos de apresentação de projetos, provas presenciais, participação em fóruns, etc., posto que a liberdade na escolha do instrumento – assim como na metodologia – é proposto pela instituição, mas, no processo, é escolhido pelo professor de acordo com a necessidade, até porque o valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e.

Os critérios de avaliação – tanto inicial como final – devem ser elaborados no momento do planejamento dos eixos e explicitados para que os alunos tomem conhecimento de como serão avaliados desde o início, pois a avaliação ao longo do curso – contínua – baseada em componentes que forneçam subsídios para o formador acompanhar a aprendizagem.

“A avaliação é compreendida como formal e informal. A primeira utiliza-se de “práticas que envolvem o uso de instrumentos explícitos de avaliação, cujos dados podem ser analisados objetivamente pelos alunos, à luz de um procedimento claro”. A avaliação informal envolve “construção por parte do professor de juízos gerais sobre o aluno, cujo processo de constituição está encoberto e aparentemente assistemático. Esta última determina a primeira, pois o juízo “assistemático” construído pelo professor a respeito do aluno, pode contribuir para o maior / menor desenvolvimento de suas possibilidades de sucesso / fracasso”.

(FREITAS, 1995. Crítica a organização do trabalho pedagógico e da didática. P. 145)

As avaliações podem ser realizadas de forma somativa para verificar a aprendizagem dos pontos principais do que foi aprendido e determinar a promoção do aprendiz no final de cada eixo, lembrando sempre, que antes de avaliar os alunos é preciso estabelecer quais os resultados de aprendizagem que se buscam. Os resultados e as tarefas de aprendizagem determinadas pelo professor devem, necessariamente, estar relacionadas com a pedagogia do curso.

7 | GESTÃO

O primeiro passo na gestão deve ser dado pelo Pároco ou o Administrador Paroquial da Comunidade onde o projeto será desenvolvido, pois é ele quem conhece as necessidades, daí, a sua presença, liderando o processo é fundamental para que todas as outras etapas da implantação e da estruturação tenham sucesso.

““A gestão sente a necessidade da presença do líder, do mediador, articulador das relações intersubjetivas, das vontades e dos conflitos. O poder do líder fundamenta-se na vontade coletiva dos agentes que devem ser, em primeiro lugar cidadãos plenos para que possam romper as amarras da servidão aos interesses de manipulação””.

(LIBÂNEO, 2001: Organização e gestão da escola: Teoria e prática. Goiânia. p. 29)

A gestão do curso começa, na prática, pela formação de uma equipe gestora, ou seja, na escolha daquelas pessoas que irão, em equipe, conduzir todo o processo de implantação e manutenção.

O gestor indiscutivelmente já tem pessoa definida para ser – o Pároco – o coordenador (a) uma pessoa com perfil articulador, pois caberá a ele (a) articular os encontros, fazer os contatos com os professores colaboradores e acompanhar o funcionamento do curso. Na tarefa de articular o encontro, entende-se que seja capaz de reunir a equipe, distribuir os trabalhos a serem realizados para que cada um possa desenvolver o seu papel de forma eficiente.

O secretário (a) tem como trabalho a ser realizado, a preparação do material escrito, que inicialmente trata-se da inscrição dos leigos interessados, preparação de ficha com dados de identificação de cada um, preparação da lista de possíveis professores com os contatos de cada uma – a partir das informações do coordenador – e todos os demais instrumentos escritos que precisarem ser providenciados para o bom andamento do curso, além de cuidar das atas de reunião, acompanhando todo processo de funcionamento do curso, registrando todas as ações que necessitam ser registradas. Dele (a) também é a função de manter as informações atualizadas, como os calendários de atividades, as atividades subseqüentes, os comunicados, etc.

O (a) auxiliar de turma é pessoa importante para que no período da execução da aula o professor possa ter suporte, bem como os alunos, procurando este, estar sempre por perto da sala de aula para atender as necessidades urgentes, colaborando no rendimento do encontro. Nessa função uma pessoa será suficiente, mesmo quando houver o crescimento das turmas, não sendo necessário crescer mais gente nessa função, salvo o caso de começarem a existir mais de três turmas.

Os (as) auxiliares para a organização são essenciais, pois cabe a eles (as) preparar a sala de aula para o início da aula com antecedência, verificando os

materiais que são necessários, como: mapas, canetas, cartazes, etc., assim como, preparar o lanche no intervalo das aulas e manter organizado o local do curso, no final do dia após o encontro.

Outro passo é pensar nos professores colaboradores, aonde a formação do professor colaborador não necessariamente precisa ser de curso superior em Teologia, pois isso inviabilizaria o projeto na maioria das comunidades paroquiais, mas pode ser pessoas que já fizeram Curso de Teologia para Leigos e que tenham disponibilidade para contribuir com o que aprendeu, podem ser suficientes.

No universo da equipe gestora é importante que todos tenham vez e voz para expressar as suas opiniões em relação ao funcionamento do projeto, pois todos os envolvidos no processo, podem de alguma forma contribuir para que a cada encontro, novas ideias que venham a ser utilizadas para dinamizar, melhorar e facilitar o trabalho, afinal, *“os leigos são antes de tudo, “cristãos”*. (CNBB: Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas. p. 79).

8 | FINANCIAMENTO

A captação dos recursos não consiste apenas em conseguir o recurso, mas na forma correta de gerenciar ele, pois muitos projetos não conseguem seguir adiante muitas vezes pelo uso incorreto ou indevido do recurso, como na própria Igreja, temos, historicamente diversos exemplos de bons projetos que sequer saíram do papel por falta de recursos, assim como dezenas de exemplos, de outros, que até receberam os recursos necessários, mas não foram adiante por problemas na gestão ou mesmo no planejamento.

Na prática os recursos para financiar o projeto proverão inicialmente de três origens distintas, uma é a própria Comunidade Paroquial que financiará uma parte, que por mais carente que seja, possui bens que podem ser compartilhados e contribuir, outra, são os próprios participantes que matriculados podem colaborar e por último a própria paróquia, que normalmente dispõe da estrutura física, sala ou salão para acontecer os encontros, assim como os patrocinadores externos e benfeitores que devem ser buscado para complementar, onde *“normalmente, os parceiros encontram-se próximos... associações, centros... agentes econômicos, associações comerciais e industriais... autoridades... organizações não governamentais.”* (Secretaria do Estado da Educação, 2000: Gerenciando a Escola Eficaz, p. 266).

Os recursos dos parceiros deverão ser buscados apenas quando forem necessários, ou seja, quando a Comunidade Paroquial ou os participantes, realmente não puderem realmente colaborar, pois a Igreja, nas suas atividades, frequentemente já busca patrocinadores para outros projetos.

Os tipos mais frequentes de captação de recursos são:

1. Campanhas desencadeadoras em prol do curso, seja bingo, rifa, etc;
2. Produtos, serviços, espaço físico ou recursos materiais;
3. Convênios para utilização de equipamentos de parceiros;

“Existem muitas formas de parcerias extremamente produtivas, que não estão diretamente relacionadas a materiais e equipamentos. Muitas vezes a melhor parceria é aquela que envolve e colabora com a gestão... grupos, empresas... – podem-se colocar a disposição”.

(Secretaria do Estado da Educação, 2000: Gerenciando a Escola Eficaz, p. 268).

Os recursos externos muitas vezes são viabilizados através dos primeiros interessados no curso – os alunos – que ao ver o esforço para a implantação do projeto acionam parceiros e contribuem com uma pequena taxa mensal, para ajudar nos custos.

9 | COORDENAÇÃO

Uma boa coordenação garante um bom funcionamento de todo o projeto, daí, cabe ao coordenador juntamente com a equipe elaborar o regimento do curso, ou seja, as regras e normas de funcionamento, pois o regimento é importante não só para estabelecer as regras, mas para definir os objetivos, os níveis e como será operado o processo.

“O Regimento é o documento legal, no qual é normatizada sua organização administrativa, pedagógica e disciplinar, assim como as relações entre seus diversos segmentos constitutivos (os públicos interno e externo). Com origem no Projeto, o Regimento se volta para conferir embasamento legal, incorporando no processo de sua elaboração os aspectos legais pertinentes e as inovações propostas para o sistema de ensino, assim como as decisões exclusivas da instituição no que concerne a sua estrutura e funcionamento”.

(ESCOLA ATIVA, 2001: Aspectos Legais. p.01).

O regimento distribui internamente, a autonomia que a instituição dispõe, pois sem o regimento, toda autonomia ficará concentrada numa só pessoa. São válidas no regimento, as normas de comportamento – o que é permitido e o que não é – as obrigações dos cursistas participantes, dos professores e da equipe, as normas disciplinares, mecanismos para soluções de problemas, prazos e sanções para o cumprimento ou não de normas.

Estatuto já se constitui um segundo passo, pois ele é o instrumento que materializa a entidade ele dá personalidade à Instituição. É nele que se vai descobrir o que é, para que foi fundada, quem pode participar, de onde vêm os recursos e, o mais importante, quem serão os beneficiados das suas ações, do seu trabalho.

O estatuto só se faz necessário no caso de formação de uma instituição

jurídica que almeje receber recursos específicos e para isso é necessário que este estatuto seja registrado em Cartório de registro – constituição jurídica – e depois seja encaminhado a Receita Federal – constituição comercial – para que possa ser estabelecido como entidade e tenha Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica e demais licenças municipais, para funcionar como prestadora de serviços. O caráter lucrativo ou não, é item também a ser determinado no estatuto para que no momento da constituição esteja claro este fim.

As vantagens de se ter um Instituto de Teologia para Leigos, estabelecido como uma entidade própria é o fato de poder receber recursos que se destinam exclusivamente para instituições dessa natureza, de forma legal, para um fim determinado, o que no caso desse projeto se constitui como um segundo passo, depois do curso estabelecido e se for necessário. As desvantagens são os custos com impostos que uma empresa – mesmo sem fins lucrativos terá de arcar, que no caso do Brasil são altíssimos.

O melhor é que o projeto comece de forma agregada a paróquia, como uma extensão, com os custos reduzidos, apenas com um regimento bem redigido, dentro dos padrões básicos, pois assim já se é possível caminhar na formação dos leigos, depois então, partir para algo mais complexo.

10 | CONCLUSÃO

O projeto de Formação Teológica para Leigos é bastante tradicional na Igreja Católica no Brasil, presente em muitas dioceses e paróquias pelo país a fora. São variadas as experiências de comunidades que vêm dando exemplos de formação e preparação de leigos que atuam com mais consciência e eficiência nas pastorais e missões a que lhes são confiados quando são chamados na construção do Reino.

O diferencial da proposta materializada neste trabalho é a capacidade de ser desenvolvido em uma realidade onde a comunidade tenha realmente escassos recursos financeiros, pois partiu de uma experiência com investimento que pode ser feito por qualquer paróquia, pois a sua organização é eficiente. Muitas vezes bons projetos deixam de acontecer pela preocupação em não se conseguir manter financeiramente e baseado exatamente nisso é que foram feitos ao longo de 7 anos experiências que resultaram em um modelo que funcionou com pouquíssimo investimento.

A importância de se fazer de forma organizada e dentro do que os documentos e teorias propõe, dão maior segurança e os bons resultados vêm, e é isto é o que foi feito, uma síntese de tudo que funcionava bem em realidades de sucesso reunidos em um projeto que pudesse atender a necessidade de formação do cristão leigo que

bem preparado ajuda muito a comunidade paroquial.

REFERÊNCIAS

VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. OFR Frei Boaventura Kloppenburg O.F.M e Frei Frederico Vier O.F.M, Petrópolis: Vozes, 1997.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Catechesi Tradendae sobre a catequese do nosso tempo. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae_po.html> Acesso em: 22.ago.2009.

CELAM: Manual de Formação dos Leigos, Petrópolis: Vozes 1996.

CELAM: Conclusões de Aparecida. São Paulo: CNBB, Paulus e Paulinas, 2007.

DOCUMENTO DA CNBB: Catequese Renovada. São Paulo: Ed. Paulinas, 2003.

_____. 62: **Missão e Ministério dos Cristãos Leigos e Leigas.** São Paulo: Paulinas, 1999.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.

ERNANI, José Pinheiro. **Formação dos Cristãos Leigos. Perspectivas pastorais.** nº.6. Ed. Paulinas.

ESCOLA ATIVA, **Adaptado da publicação: Aspectos Legais Fundescola / MEC.** Brasília, 2001. Disponível em: <http://www.ceepi.pro.br/Servi%C3%A7os%20roteiros/03%20Orienta%C3%A7%C3%A3o%20el%20RI%20-%20MEC.doc>.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica a organização do trabalho pedagógico e da didática.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

LIBÂNEO, José C. **Organização e gestão da escola: Teoria e prática.** Goiânia. Ed. Alternativa. 2001.

MALDONADO, Luis. **A ação litúrgica. Sacramento e Celebração.** São Paulo, Paulus, 1998.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Metodologia do Ensino: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1981.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO, Bahia. **Gerenciando a Escola Eficaz: Conceitos e Instrumentos.** Salvador: 2000.

VILARINHO, Lúcia Regina Goulart. **Didática: Temas Selecionados.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1985.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458